

Discurso preliminar

177

(MEDITAÇÕES.)

*J'ai medité long-temps, assis sur les tombeaux
Non pas pour y chercher, dans ma melancolie,
Le secret de la mort, mais celui de la vie.*

Delille — L'Imagination — Ch. VII.

*Illius ad tumulum fugiam supplexque sedebo
Et mea cum muto fata querar cinere.*
Tibullo — L.º 3.º — Eleg. VIII.



I.

Que phrase se hade gravar no frontispicio d'essa cidade dos mortos que se ergue ao pé de toda a cidade de vivos?...

Que distico se ha-de escrever no monumento que o lapis debuxa para o cinzel — que o cinzel esculpiu para a morte?...

Não ha distico, não ha phrase no mundo que possa dignamente abrir as paginas d'esse album funerario — as portas d'essa morada do eterno silencio. . .

Só á mão de Deus, que escreve nos astros, cabe imprimir nos frontaes do marmore terreno uma palavra que não é da terra

ETERNIDADE!

II.

Encarregado de começar a galeria de urnas que uma sociedade, intelligente e catholica, vaiprehender, sinto que a empresa é superior ás minhas forças: buscarei porem satisfazer ao altissimo encargo, não descrevendo, não historiando; — recolhendo-me unicamente, e meditando! No meio dos tumulos a philosophia, a historia, a arte, a sciencia, a poesia — todas essas grandiosas e sublimes influencias se cifram n'uma só palavra — meditação! Meditarei pois — deixarei vaguear o espirito pelas tenebrosas regiões da morte, como os sons da harpa Scandinavia por entre os nebulosos vapores de Ossian. Não prometto ordem, não affianço deducção. Tentarei unicamente imprimir n'estas graves e melancolicas paginas aquelle selo de scismador e profundo recolhimento, que as almas escolhidas sabem descobrir nas pedras mortuarias.

Colligindo em desenhos correctos e fieis esses funebres padrões, a sociedade que os vai publicar, presta um serviço, bem que severo, util e verdadeiro á sociedade e á humanidade.

Quando tantos enganos se tramam, quando a illusão se esconde na vida como os aspide entre flores, bom é que a voz austera do Poeta faça ouvir as palavras do desengano, para que os pensamentos, todos empregados no mundo, se alcem ao menos uma vez para Deus — bom é que o lapis do Artista faça ver o termo das illusões, para que os olhos, todos enlevados na terra, se ergam ao menos uma vez para o ceu.

É nobre — é nobilissimo e formosissimo este pensamento. Eminentemente philosophica e eminentemente Christã é a intenção d'estes zelosos propagadores da Fé e da Arte, que é tambem uma fé.

O pensamento que preside á collecção de tumulos, que em seguida d'estas ponderações se vai publicar, está pois sufficientemente explicado — a sua melhor explicação achal-a-heis no intimo d'alma — a sua interpretação mais ampla descubril-a-heis nas saudades dos que choram!

N'esses — em todos os corações dolorosos e tristes, encontrará sympathia a publicação dos tumulos. Para os que precisam de sombra e de silencio ha-de ser grato e sua-

ve achar diante dos olhos, para os repouisar — encostar ao peito, para o fortalecer — a copia d'aquelles leitos de pedra em que dormem os que amaram na vida e na morte lastimam — aquelle derradeiro abrigo que a mão do artista lhes multiplica segundo o seu desejo — que assim poderão ver todos os dias, saudar a todas as horas.

E agora pois, que já indiquei a missão, quasi sacerdotal, de que o artista se encarregou, cumprirei — buscarei cumprir a que aos hombros tomei.

Entremos no sanctuario da morte... saudemos as ultimas jazidas...

Exclamemos com o Padre LE MOINE.

*« Vingt siècles descendus dans cette sombre nuit
Y sont sans mouvement sans lumiere et sans bruit.*

Ou digamos como PYTHAGORAS pela pena de OVIDIO:

Non perit in toto quidquam, mihi credite, mundo.

Meditemos!...

III.

A nova Necropolis ergue ao ceu as vaidades da morte. As pyramides symbolicas a pontam, como dedo immovel de cadaver, para o ceu e para Deus... entremos...

Eil-as, as moradas dos finados, infleiradas como as habitações dos vivos. D'um lado e d'outro lado os emblemas da morte. — Aqui a saudade — além a eternidade — mais longe a saudade e a eternidade enleidadas e conjunctas!

Quantas gerações ali jazem!

Là sont les devanciers avec leurs descendans!

Quantas virtudes! quantos vicios! quantas esperanças! quantos crimes! quanta innocencia e quanto horror!...

Assentemo-nos sobre a lousa singella? Deixemos tumultuar ao longe na cidade a multidão, que suppoem viver; assentemo-nos e conversemos com este povo de mortos.

Quem jaz ali?...

É o prodigo insensato, que barateou a vida como a fazenda. Julgou magnanimidade o que era loucura; e ufanou-se! Cuidou grandesa o que era miseria; e perdeu-se! Provou de todas as coisas da vida, e não tomou o sabor a nenhuma. Tentou sentir, e não chegou a pensar. Viveu como o arbusto esteril: verdejou algum tempo e murchou sem fructo. Ignorou a dor, ignorou o praser, ignorou a vida, ignorou o ceu. Olhou para o interior de sua alma — se a teve — e duvidou de si: olhou para o mundo e duvidou dos homens. Foi como um facho acceso em dia claro: brilhou sem utilidade e nem trevas deixou ao apagar-se. Não contou os dias; e achou-se solitario com a eternidade — não calculou a vida; e achou o desengano com a morte. Passou sem transicção do seio do gozo — menos — da sensualidade, ao da campa! O seu viver foi o ruido importuno do oiro dissipado. Deixou de soar — acabou — não restou nada!

Quem jaz ali?...

O avarento. Tambem este não viveu. E podia viver tanto!... Fechou a alma n'um cofre, e sentou-se inquieto sobre elle a espreitar cruentas invejas nos olhos dos que passavam. Teve debaixo das mãos a beneficencia, e metteu-a debaixo dos pés — sorriu-lhe a charidade para a alma, como a primavera sorri para o mundo, e elle ficou sombrio e regellado como o inverno. Affagaram-no os praseres do corpo, e elle tornou-os espinhos. Bafejaram-no os praseres do espirito, e elle fel-os amarguras. O que os pobres padecem na miseria padeceu-o elle, centuplicado, na oppulencia, por que padeceu como Tantalos. Viu a vida aproximar-se-lhe, e não teve animo de estender a mão para a tomar e viver-a. Estava no mundo, e fugiu para o deserto. A mesma unica palmeira viçosa, que o podia abrigar dos penetrantes ardores d'um desejo insaciavel, vendeu-a elle para arrecadar mais uma moeda occiosa. Suffocou o coração, e vendou os olhos — traçou em roda do pensamento um circulo, como o que traçara em roda da vontade. Nasceu, morreu esteril, e nem ao menos brilhou! Quando se ergueu do seu oiro para se ir deitar no tumulo, não fez se não mudar de jazida. Finalmente, como diz nas suas PROSAS o hom do nosso BLUTEAU.

« A melhor coisa que fez na vida foi morrer!

Quem jaz ali?...

É o ambicioso. A sua existencia voou como nas azas d'uma tormenta. O bulcão dos desejos desenfreados arrebatou-lha até ás nuvens. Proximo ao sol do dominio foi-lhe a paixão sequioza como a aguia, a pairar com essa existencia angustiada nas garras, e a craval-as ate ás entranhas do triste que em tanta altura tremeu sempre de horror quando alçou os olhos e viu acima de si as mysteriosas regiões a que aspirava, e que se lhe figuravam infinitas, por que segundo a enérgica sentença do erudito Feyjoo:

« *Es infinito lo que se desea.* »

É o ambicioso, sim, que tomou por metal precioso o fallaz oiropel — por descanço a inquietação — por felicidade o martyrio — que, podendo viver na paz sancta do lar, trocou os afagos cazeiros, pelos enredos cortesãos; trocou os mimos, as doçuras, as inapreciáveis caricias d'uma esposa, pela esterilidade, pela aridez de egoisticos e tempestuosos combates — que podendo passar tranquillo na terra, prefferiu voltear no espaço, novo Ashavero, impellido sem cessar pela anciedade e sem cessar a ouvir d'ella o fatal « caminha! caminha! » — É o ambicioso de quem S. IRENEO disia aos gnosticos. *Tentou ir alem de Deus.* Tambem este não viveu. Tumultuou; nada mais. Encontrou no infatigavel transito a sepultura — Tropeçou — cabiu-lhe dentro — eil-o!

Quem jaz ali?...

Ali?... Não ha pedra, nem nome, nem data... mas á superficie da terra sepulchral avulta um craneo... De quem seria elle! D'um rei? d'um escravo?... Quem no-pode saber?... Triste egualdade da morte! Este craneo não diz nada. Acabada a pompa externa que tem em si mesmo o homem que o faça reconhecer por superior?... Alguma coisa tem. Mas não foi o mundo que lho descubriu; foi a sciencia. Observa, douto Gall, vê esta fronte ellevada — estes pómulos proeminentes — é um rei de certo o que jaz aqui — é um d'esses nobres reis do pensamento. Sepultaram n'este chão os despojos da mais verdadeira das realezas. Essa fronte talhou-a Deus para uma coroa, mas as da terra eram pequenas para ella — não lhe serviam por estreitas. — N'esse cranco habitou o genio! — Emprestou-lhe Deus por diadema a gloria. Mas a gloria era do ceu: restituiu-a. Deus por em não lha accitou: deixou-lha na terra, não já como regio distinctivo, mas como lampada eterna a illuminar para sempre o seu nome! Viveu este — este sim, que viveu e brilhou; e ficou ainda depois de morto a scintillar e a viver!

Quem jaz ali?...

Uma eriancinha que se encostou no tumulo a brincar com os seus primeiros annos. Quem sabe o que ella viria a ser, a pobre creancinha? Talvez um pensador como NEWTON — talvez um philosopho como BACON — talvez um infeliz como CHATERTON — talvez uma excepção como BYRON — talvez uma utilidade como FRANKLIN — talvez um GOETHE, um ARIOSTO, um VIRGILLIO, um CAMÕES... ou um NERO, se os Neros fossem hoje possiveis?...! Quem no-sabe?... Foi uma flor que murchou — uma flor d'aquellas flores de quem se poderia dizer como MALHERBE a DU PERRIER.

..... *Elle a vecu ce qui vivent les roses*

L'espace d'un matin.

Ao romper da aurora tinha desabrochado com a vida; ao anoitecer fechon-se com a morte. Foi nm leve meteoro; fulgiu momentos — desapareceu por entre estrellas. E talvez elle brillhasse e se apagasse n'algum ceu d'amor — talvez fosse primicias d'elle! Se foi... que trevas que não deixou!

Quem jaz ali?...

Lede... é um nome, — um nome de mulher ou de anjo... quem sabe? e adiante « 16 annos. » Dezesseis annos! Que imaginação ha que possa ficar parada e fria perante essa inscripção elloquentissima? Dezesseis annos... é a vida, verdadeiramente vida, a vida com todos prazeres, com todas as illusõens, com toda a innocencia, com to da a sua immaculada poesia. Dezesseis annos e aquelle nome no marmore...

... *Un bianco marmo*

Simbol del suo candor... (*)

(*) *Ippolito Pindemonte.*

Sam as graças, a formosura, a primavera, o paraizo...o amor! E morreu! ...Quem existe ahí que ao ver o nome e o numero, não phantasié logo uma adoravel imagem? Todas as lindizas mythologicas na face, todas as suaves sympathias christãs no peito — um sanctuario de affecto no mais escondido e recatado do coração! Penetrem-vos bem do nome e do numero, e vereis surgir-vos d'entre as sombras da campa uma feiticeira imagem, alva e coroada—coroada como para entrar n'um baile — alva como para entrar no ceu. As rosas brancas da grinalda branquejam de despeito, por verem mais viçosa do que ellas a fronte, que ornam. . . . não; que as orna. A gaze, que em torno lhe fluctua, faz lembrar aquelles delgados e vaporosos nevoeiros que envolvem os genios do Norte — as sylphidas graciosas que dançam á noite nas montanhas, por entre os *trols* e *valravns* das balladas de OEHLENSCHLOGER, ou dos cantos tradicionaes do KOEMPEVISER. Caminha pela terra, como pela vida — leve, diaphana, incuidadosa. Traz nos olhos o brilho melancolico das estrellas — nos labios o sorriso meditativo do outomno. A modestia tempera-lhe a graça — o pudor dulcifica-lhe a vivacidade — a reserva divinisa-lhe a alegria. É uma adoravel imagem, como disse, que vive, que se move, que seduz, que enfeitça.

Oh! quem é que, sendo moço e poeta — quem é que, sabendo sentir e sabendo meditar, não ha de ver sahir-lhe d'entre as letras d'aquelle nome, d'entre os algarismos d'aquelle magico numero de annos formosos, essa imagem — a imagem que . . . que estou vendo no pensamento e que não posso descrever com palavras? quem é que a não phantasiou já alguma vez no sagrado da solidão e do retiro, a conversar, em horas mortas, com os astros da noite? quem é que não ardeu pela realidade — por encontrar a realidade d'essa ideal criação d'um espirito sympathico? E essa imagem existiu, supponde-o — pensou — sentiu tambem — Teve um coração, guardava n'elle o paraizo — um paraizo, indiscriptivel para quem soubesse conquistal-o — foi da terra, resplandecen n'ella . . . e passou — e ponde morrer — e jaz ali toucada ainda com as suas flores virginaes — com o seu trajo de festa — com o seu sorriso de amor! . . . Jaz ali — com dezesseis annos! . . .

E o que ella deixou na terra? . . .

A sua vida foi uma pagina imaculada. Ficou branca e liza; quantas coisas — quantas e quam amaveis se lhe podia ter escripto! As joias do seu coração não refulgiram ao sol d'uma paixão. Ficou como um cofre precioso, cheio de ainda maiores preciosidades: cahiu nas vagas da eternidade: o seu proprio peso afundou-o; agora é só adinvinhar os diamantes que encerraria. Não chegou a conhecer o amor: suspeitou-o apenas: pressentiu-o. Feliz o que lho podesse ter explicado!

Assim acaba o lyrio branco do valle. Menea-se airoso ao sopro da aurora — quando rompe o sol, debruça-se sorrindo melancolico, e pende a fronte para a veia clara, que lhe foge por diante — em lhe chegando a noite, derruba-o o vento vespertino, e eil-o vai, ainda alvo e risonho, fugindo com a limpida corrente que o leva, que o leva — quasi que a embalal-o nos braços!

Esta imagem e esta historia, breve e triste, estam retratadas inteiras e completas n'aquellas poucas letras e algarismos. Teem havido realidades como esta phantasia; e a realidade morre tambem, deixa corações viuvos e inconsolaveis: é como um astro que se apagasse no ceu — escuridão e silencio apoz elle!

Sol qui non lascia eredita d'affet

Poca gioja ha d'ell' urna.

E quanto desejo vehemente arrasta comsigo ao infinito da saudade? . . .

Aos tristes que n'este caso continuam a perigrinar na terra bem se podiam applicar aquellas singellas e magoadas queixas de ALFEA: (*)

..... La suerte

Le sepultó la esperanza

Nel sepulchro de la muerte. (**)

(*) Ugo Foscolo — I Sepolchri.

(**) Simão e Machado.

IV.

Estudando a vida na morte podia eu estender infinitamente a lista dos que repousam nesses tumulos. Novo LA BRUYERE, quantos caracteres se me não offereciam agora para descrever! Não: não continuarei. Que é tudo isso de amor, de ambição, de vaidade, de vicio, de genio e de gloria — que é tudo isso agora aqui?

Não é mais do que pó.

Mas que pó este! Um pó de thronos, de povos, de monarchas, de altares e de seculos!

Os vultos que aqui vejo semeados n'esse campo sam as folhas da arvore da vida que o vento sacudiu e derribou! Foram arrancadas umas na Primavera — seccaram-se outras no Estio — cahiram outras no Outono!

V.

YOUNG, FOSCOLO, HERVEY por que não tenho eu o vosso genio para poder agora entrar mais avante por esse imperio da eterna paz e desengano? Quem me dera a vossa energica poesia ó DANTE, ó MILTON para entoar agora o cantico funebre dos sepulchros!

A poesia é tanto dos tumulos!...

A poesia foi já a guarda, a sacerdotisa da religião — e o acatamento aos mortos, não é tambem um culto, uma religião?

Nos canticos dos DRUIDAS, nas sagas da ISLANDIA, na mythologia do EDDA não achaes por ventura esse Homeric terror que é a maior homenagem, prestada á magestade dos finados? Por entre os eroticos enlevos dos cantores do LACIO, e os hymnos guerreiros dos rhapsodes GREGOS, não vedes ressumbrar um triste e suave perfume como de sepulchros? — não vos alumiam de vez em quando essas canções e não vol-as córam uns reflexos da fogueira em que se entregam as chamas, para evitar o sacrilegio do tempo, os restos do que foi homem?

Não fallam de morte os canticos dos levithas? Não alvejam nas catacumbas, ao mesmo passo, o sudario do cadaver e a estolla do diacono? Não avulta na cathedral gothica ao lado do altar o tumulo — ao pé da imagem do justo, alçada nas aras, o simulachro do morto, deitado nos mausoléos?

E as orações dos diaconos não sam por ventura a poesia dos primeiros seculos do christianismo; como a architettura dos cathedraes é a poesia da meia-edade?....

A' poesia cabe pois perpetuar esse culto austero e salutar. E' a ella que se deve pedir ou o esquecimento para o vicio — ou a piedade para o remorso — ou as palmas para o genio — ou as grinaldas para a infancia — ou as lagrimas e a saudade para a innocencia!

A urna funeraria é a arca santa d'uma parte da alma: Quando os que amamos se reclinam no tumulo o affecto saudoso que os acompanha é uma parte de nós mesmos — a maior, a melhor parte ás vezes!

A urna é o altar, a alma o sacrificio — a poesia a casta sacerdotisa que celebra as funebres solemnidades do coração, nos dias luctuosos. Leva dos que ficam para os que foram o tributo das lagrimas piedosas. Traz dos que foram aos que ficam as consoladoras recordações, que do passado refazem um novo e mais tocante viver para o presente. Similhante aos espiritos intermedios, é a sollicita medianeira entre o mundo e a sepultura — entre os homens e o ceu.

Como os mysterios da religião, como as tradições da historia, guardava a poesia primitiva no seu recondito e mystico sacrario o culto dos mortos. E' por que esse culto estava no numero das grandes e potentes influencias humanas!

Será ainda hoje assim? Ter-se-ha conservado singelo e puro esse eminente sacerdocio?

Tem: — não no geral, mas tem. Se ella, se a poesia se envolveu com todas as coisas levianas ou incompetentes — se desceu a todos os assumptos baixos ou estérís — se provou de todas as abjecções, sacrificando aos idolos da terra, enlameando-se nos limos vis da lisonja — se despiu muita vez as suas austeras roupas virginaes para infiar o solto palio das Lâis ou a tunica transparente das Messalinas, não fez mais do que abusar. Foram — sam — devem ser excepções. Ha ainda almas fortes e predestinadas, que a conservam immaculada, que immaculado exercem o seu ministerio augusto. Sam essas *almas robustas*, segundo a energica expressão de Homero (*ἰσθίμους ψυχας*) — sam essas as que fazem ouvir aos povos os cantos inspirados, as que modificam as gerações, as que sabem escrever profundamente o seu pensamento na multidão, gravando-o n'ella como com o stylo se gravava na tabola — sam finalmente essas — CHATEAUBRIAND LAMARTINE, DELAVIGNÉ, e tantas mais de todos os tempos — as que no meio dos sepulchros se recolhem a meditar os arcanos da existencia.

J'ai medité longs-temps, assis sur les tombeaux
Non pas pour y chercher, dans ma melancolie,
Le secret de la mort, mais celui de la vie.

Se as coisas da vida sam muito; as da morte sam muito mais!
Que illusões desbaratadas! que vaidades destruidas! que desejos extinctos! que esperanças desfolhadas — repetirei aqui — se não veem juncaudo o campo dos mortos! Como se lê bem a variedade da vida, nessa variedade dos disticos funebres? Que penas, e que dores se escondem nesses monumentos! Como se observa bem d'aqui o mundo e a sua miseria!

Que soluços que tem quebrado este ermo! que lagrimas que tem aquecido estes marmores!

VI.

Se se podessem contar todas as existencias dolorosas que vem acabar n'este ultimo porto — n'este limite extremo em que a alma, despegando-se do corpo, lhe pode dizer como o livro santo:

Usque hic venies et non procedes amplius.

Se fosse possivel colligir as historias dos que jazem n'esses monumentos, como é possivel colligil-os a elles. . . .

Que lição! — que lições!

Entre a innumerabilidade d'essas historias, que se revellam pelas lagrimas, uma preencei eu, que não posso resistir ao desejo de a contar aqui. Será o epitafio de uma sepultura que o não tem. E' uma historia dolorosa e simples, que resume talvez em si um drama bem longo e penoso.

VII.

Era na tarde d'um dia nebuloso d'outomno — d'um d'esses dias taciturnos em que o ceu parece todo carregar no coração. Não sei ja que tristesa ou sympathia me levou ao Cimiterio dos Praseres. Entrei; não vi ninguem. Corri longo tempo as duas ruas principaes dos tumulos parando n'um en'outro, para ler as inscrições; meditando na elloquente singellessa d'umas, sorrindo pela apparatusa affectação d'outras — e eram as mais. Fui-me preocupando pouco a pouco do logar, da hora, e do dia; embrenhei-me na inextricavel floresta das minhas vagas reflexões; afundei-me, porque assim diga, n'aquelle indistincto scismar que não é nem a vibração do pensamento, nem a sua immobilidade. No meio d'aquelles tumulos achei-me separado do mundo, solitario e ermo, quasi tanto como os que ali dormiam. Atravessei por todos, como que até ja enfadado d'aquella pompa de granito, d'aquella cadaverica e fria soberba, que mesmo no campo da egualdade se erguia desdeuhosa por entre os goivos desfolhados. Achei-me, não sei como, n'um ambito mais livre, mais descuberto — não havia ali senão sepulturas rasas e eguaes — quando muito al-

gum nome, alguma data — em grande parte nem isso. — Os monumentos do orgulho não opprimiam com os pés de marmore o povo dos finados — a morte estava mais perfeitamente symbolisada. Respirei melhor: ja me não afrontava o desdem da aristocracia — que aristocracia! — dos sepultados.

De repente chegou-me aos ouvidos um murmurio manso e triste, mas tam singularmente magoado, que despertei. Digo despertei, por que eu caminhava quasi sem ver, nem ouvir.

À cabeceira d'uma sepultura, ainda fresca, estavam sentadas duas mulheres uma, pelo que parecia, ja edosa; a outra moça ainda. Tinham ambas as cabeças baixas, os lenços brancos puxados para o rosto, e com os capotes como que tapavam a boca para suffocar os soluços que lhes fugiam do coração em afadigado tropel.

Era o que eu ouvira.

Respeitei o solemne recolhimento d'aquella dor solitaria, e considerei longo tempo as duas pobres creaturas, tam silenciosamente angustiadas!

Considererei-as, revolvi muita saudade, muita lembrança, muito desejo irrealisavel no pensamento — e . . . chorei! Digo-o sem vergonha — chorei lagrimas em fio. O ser homem não faz de bronze o coração. A insensibilidade não é força, é egoismo!

Uma d'ellas, a mais velha, ia a erguer os olhos ao ceu como para lhe pedir resignação e viu-me. . . .

Olhou fixamente para mim e divisando as lagrimas que me cahiam pelas faces, deitou-se ao pescoço da sua companheira e proromperam ambas n'um d'esses paroxismos de dor, que sam o derradeiro grau de padecimento para o coração — ou rebenta ou se alivia. . .

Não sei — creio que soluçei tambem com ellas.

Passados aquelles extremos, aproximei-me. Tinha curiosidade, mas não queria perguntar nada. Temia ser indiscreto.

A mais velha, porem, previnio-me e fallou-me do *seu defuncto*, como ella affectuosamente lhe ehamava. É tam suave fallar de quem muito se amou!

Não se pode fazer idea da impressão que me fizeram aquellas duas palavras de *meu defuncto*. Que força de saudade que era aquella! Chamava *seu* ao que nem ja ao mundo pertencia!

Eram mae e irmã do que ali descansava — gente pobre mas feliz. Feliz! Fora-o! O morto tinha 25 annos: era o seu amparo! Levára-lho um typho. . . em quatro dias! Havia oito que estava enterrado.

Fugi aqui de proposito de repetir as palavras com que ellas me contaram a sua magoada perda! A pathetica simplicidade d'aquella ingenua narração não ha explicação, não ha metaphora, não ha insistencia, não ha palilogia que a diga: não se pinta, não se imita: sente-se. Lembra-me ainda o que me narraram — decorei-o no coração — mas não sei ja expressal-o. O que importam as palavras? O tom, o tom em que ellas foram dictas. . . oh! esse quem o pode descrever?!

Fallamos longamente do defuncto; *tinha as qualidades d'am anjo* era o estribilho de sua mae e de sua irmã. Quasi sempre se diz bem dos mortos,

Cor autem eorum longe est à me.

Mas o bem que diziam d'aquelle era d'uma vehemencia! . . .

« Se as almas dos que estam no ceu podem observar o que se passa no mundo, deve-lhes ser bem suave consolação o serem chorados por esse modo » — disse eu, invejando quasi a sorte do que tam bellas lagrimas fazia derramar.

« Não somos só nós que o chorámos! » — me respondeu a pobresinha da irmã, toda suffocada de pranto e de saudade.

« Quem mais? » — insisti eu « alguem que amava, que lho retribuia? . . . »

A triste menina abafou um suspiro: não disse palavra, mas, em quanto com uma das mãos me fazia signal para que me calasse, apontava com a outra para os pés da sepultura. . .

Estava ali de joelhos outra pessoa. Com a attenção que empregara em contemplar as duas não tinha dado por ella. Era uma donzella na flor da idade, toda de lucto como a irmã e a mae do defuncto. Palida como um lyrio: Parecia de pedra na immobillidade e na

alvura. Resplandecia-lhe o rosto entre os crepes, como a lua entre nuvens. Não sei se era prevenção minha, mas achei-a linda — linda sobre tudo de bondade e tristesa.

— Estava de joelhos, orava com fervor n'uma attitudo indissimuladamente poetica e melancolica, não via nada, não ouvia nada, não sentia nada.

Mas não chorava... Aquella nem chorar podia!...

« Era a sua noiva » — me tornou a irmã do sepultado, encarando-a d'um modo que me quebrou de afflicção, e fallando baixo como para ella a não ouvir — « Estavam para casar d'aqui a dois meses! »

Não sei o que mais respondi. Creio que pranteei outra vez — mas d'esta não foram os olhos, foi o coração que se me inundou de lagrimas!...

Oh! como eu fiquei desejando encontrar uma alma como aquella!...

VIII.

Não é uma phantasia isto que contei: foi uma historia verdadeira, cuja impressão me ficou estampada para sempre no mais intimo do peito. Foi ella quem me ensinou a conhecer que alta e dolorosa poesia se encerrava n'aquelle campo fatal, que tam lembrado se faz, e de que tam pouco nos lembramos.

Encontrei, contei um aspecto da dor. Podia encontrar, podia descrever mil. As dores crescem ali innumeraveis como as espigas na terra. O poeta é o segador que as corta e as enfeixa.

A colheita da morte pode servir para a vida — eil-a pois; eis-ahi alguns dos seus fructos: provae-os: sam salutaes!

IX.

O meu encargo está cumprido. Ao abrir a collecção dos tumulos meditei sobre elles. N'um cemiterio que mais podia fazer do que meditar?

Fora talvez facil ir mais longe — muito mais. Mas se eu quizesse ponderar todas as coisas da morte onde pararia?...

Para quem nos tumulos só quizer ver a forma; eil-os se vam ahi seguir: o lapis lhe revellará essa forma!

Para quem quizer contar as individualidades: eil-os se vam ahi seguir: o lapis lhe transcreverá os epitafios!

Para quem quizer lastimar uma perda particular: eil-os se vam ahi seguir: e lapis lhes dará a copia do seu sepulchro predilecto.

Escrevi somente para os que quizessem meditar comigo. Pode ir cada tumulo buscar a sua affeição especial. O pensamento é que não pode ir reunir todas as dores possiveis.

Colhi algumas: pranteei sobre todas...

As que arranquei das suas hastes aqui as consagro n'este tal ou qual monumentinho...

As outras sam patrimonio de todos os afflictos. Indico-as á piedade d'esses, que me ham-de entender, por que d'esses poderei eu dizer como o terno MILLEVOYE:

*Leur ame se nourrit du charme des douleurs,
Ils cultivent la tombe, et l'arrosent... de pleurs.*

Este Tumulo appresenta um bello effeito, pela boa collocação de seus corpos, sendo o primeiro um plintho, o segundo um corpo redondo com algumas molduras, e ornado com um festão, e o terceiro uma urna d'um gosto bello, e elegante.

Na frente do plintho tem o seguinte Epitaphio, em caracteres embutidos de preto :

AQUI JAZ
D. FRANCISCA ROZA BAPTISTA
BENEDICTA DE BORJA, VIUVA DE
JOZE GOMES FERREIRA
NASCEU A 11 DE OUTUBRO DE
1760
FALECEU A 26 DE NOVEMBRO DE
1834

Tambem se vê pela parte de traz a seguinte inscripção, gravada com iguaes caracteres :

DEDICADO A' MELHOR DAS
MAES
PELA GRATIDAÕ, E SAUDADE DE
SEUS FILHOS.

O numero deste Tumulo é 63, e tem d'alto treze e meio palmos, e de largo tres e seis polgadas : foi mandado erigir por Joaquim Pedro Ferreira.



A sumptuosidade deste Tumulo, e ao mesmo tempo a simplicidade de seus ornatos, o tornam modesto, e d'um caracter serio: elle appresenta ao observador uma urna em cada angulo, e outra no centro, onde fecha a cupola do mesmo Tumulo.

Na sua frente tem uma tabella, onde se vê gravado com caracteres embutidos de preto o seguinte Epitaphio:

+

AQUI JAZ

D. ANNA RUFINA ROZA PREGO FERREIRA
CAZADA COM JOAQUIM PEDRO FERREIRA;
NASCEU AOS 30 DE JULHO DE 1809,
E FALLECEU AOS 4 DE MAIO DE 1840.



Na mesma frente tem uma pequena porta de marmore preto, com uma fechadura de metal, e por cima da curva que ella firma, tambem se vê gravado, com iguaes caracteres, e descrevendo a mesma curva da porta, a seguinte inscripção:

JAZIGO DE JOAQUIM PEDRO FERREIRA, DE SUA MULHER, E DE SEUS DESCENDENTES.



Este Tumulo tem vinte um, e meio palmos d'alto, e deoito de largo; sendo seu fundador Joaquim Pedro Ferreira, e mandado erigir para sua memoria; ficando-lhe mais este signal, que servirá sempre de despertador profetico de magoa, e de saudade. Pela parte de traz está numerado, com caracteres tambem embutidos de preto; sendo o seu numero 257.



Um obelisco sobreposto em um grande caveto, um pequeno quadrado servindo-lhe de base, sobre o obelisco uma coroa, na face anterior deste uma saudade em baixo-relevo, e por baixo desta um epitaphio modesto, tal é o tumulo da Condessa das Galveas: a sua simplicidade o caracteriza de sumptuoso, seu laconico epitaphio o torna serio, e algum tanto melancolico; a saudade denota um sentimento natural, e pena d'um bem ausente; porém com desejo immenso de o lograr: outras flores naturaes, e analogas amorosamente se entrelaçam com graça, e singeleza em roda deste, e no centro destas flores se descobre com pena este monumento, seu epitaphio é o seguinte —

A' MEMORIA
DA EX^{ma}
CONDESSA DAS GALVEAS
D. ANNA,
FALECIDA AOS 16 DE MAIO
DE 1834.

Elle tem d'alto dez palmos, e duas polegadas, e de largo cinco. Pela parte posterior tem o numero 172.

Vestidos e coroas de que usavam os Romanos, Gregos, e outros muitos povos.

Os Romanos davam aos mortos o vestido ordinario, que era a toga: os Gregos os cobriam com uma capa: as mulheres eram tambem vestidas com os seus vestidos ordinarios. Aconteceo-nos vêr um filho morto com o seu vestido ordinario. Não tinha que preparar-se com vestidos magnificos para os funeraes. Tanto os Gregos como os Romanos vestiam os mortos de côr branca. Os de Sparta coroavam com ramos d'oliveira, e revestiam de purpura os que tinham servido bem sua patria na guerra, e que tinham sido mortos no combate. O costume de coroar os mortos observa-se depois dos antigos tempos, até aos mais baixos seculos da bella antiguidade. Muitos autores fazem menção, entre outros Cicero nas suas orações para Falco: « Desejava ter logar para referir os pareceres, que houve na morte de Castricio; primeiramente sobre se devia ser enterrado na Cidade, o que a ninguem era concedido; depois se devia ou não ser mancebos que o conduzissem; finalmente se devia pôr a coroa d'ouro ao morto. » Aquelles que tinham merecido coroas durante sua vida, eram coroados depois de sua morte; e punham algumas vezes coroas d'ouro sobre a cabeça d'aquelles que mais se tinham distinguido.



Este monumento cujas inscripções attestam sentimentos de ternura, e amor filial, é d'um joven que apenas contou vinte cinco annos: é a vida propriamente vida, com todos encantos, a formosura, a primavera da idade, o amor!... Mas aqui onde descansam os restos mortaes d'um joven só respira o amor filial, a saudade, um desejo immenso de possuir o que já não é da terra!

Este tumulo que encerra as cinzas d'um joven querido, é de gosto excellente, e pinturesco: elle remata com uma urna cineraria de gosto elegante: os corpos de que se compõe, assim como os ornatos estão collocados com arte, fazendo nesta parte honra ao Artista que tam sabiamente desempenhou.

Na sua face anterior tem o epitaphio seguinte —

A 7ª MEMORIA
DE
ANTONIO JOZE FERREIRA BRAGA
NASCEU A 11 DE JUNHO DE 1815;
FALECEU A 27 DE NOVEMBRO DE 1840.

FOI DA TERNURA FILIAL MODELO,
DO AMOR FRATERNAL EXEMPLO:
SEU NOBRE CORAÇÃO PURO E SINGELO
FOI D'AMIZADE TEMPLO.

O SEU CORPO AQUI JAZ, NO CEU SUA ALMA,
QUE UM DEOS NUNCA A' VIRTUDE NEGA A PALMA.

Tem d'alto desasseis palmos, e duas polegadas, e de largo tem oito: na parte posterior tem o numero 277.

Costumes Romanos; e Gregos:

Os Romanos collocavam os corpos mortos no atrio, ou á entrada de casa. Voltavam os pés para a porta, como hoje nós praticamos. As pessoas de qualidade punham cyprestes, ou uma arvore lugubre que não resurgia depois de a cortarem. Os Gregos punham á porta um grande vaso d'agoa lustral, trazido d'alguma outra casa, no qual não havia palavras. Todos aquelles que vinham a casa do defunto tomavam desta agoa á sahida. Segundo Euripide, tambem penduravam em algum logar junto da porta, os cabellos cortados da cabeça do morto.



195

Este monumento é consagrado á melhor das mães, pela gratidão d'um filho benigno, e saudoso: sua architectura é simples mas de forma elegante; seus corpos são todos lizos, sem ornatôs, nem decoração alguma, que o possa embelesar; é com effeito um monumento cheio de simplicidade, e de character proprio a conservar as cinzas d'uma mãe generosa, que contou treze lustros. Não é do numero d'aquelles que são destinados a perpetuar a lembrança d'accões de heroismo, de esplendor ou a rêcordar lembranças nacionaes; mas sim um monumento d'amor filial, cujo interesse é o de conservar as cinzas d'aquella, que juntou á perfeição, e modelo da mães, a reunião das mais bellas virtudes!

A amizade filial quiz perpetuar sua memoria, e fez erigir este monumento que fará a saudade, e lembrança d'uma mãe carinhosa, que depois de sua morte tem revolido immensos desejos irrealizaveis n'um coração cheio de dor, e saudade.

Algumas flores crescem em roda do monumento e amorosamente se entrelaçam; parecendo tambem querer perpetuar a memoria d'aquella que ali jaz: o cypreste é outro monumento lugubre, que pela sua altura parece querer domina-lo, e disputar a preferencia.

O monumento tem na sua face anterior uma tabella, e sobre esta lê-se em caracteres embutidos de preto o seguinte epitaphio —

A MEMORIA
DA MELHOR DAS MÃES,
D. MARGARIDA SIMPLICIA ROZA
DE MORAES GORJAÕ,
NASCIDA EM 10 DE JUNHO
DE 1771,
E FALECIDA EM 15 D'AGOSTO
DE 1837.
ESTE MONUMENTO CONSAGRA
SEU GRATO, E SAUDOSO FILHO
A. E. F. G.

Pela parte posterior tem mais esta inscripção —

JAZIGO
DE
AGOSTINHO EUZEBIO FERMINO
GORJAÕ.

Uma urna antiga, e parte desta coberta com uma toalha, é a peça com que rematta o monumento.

Na frente vê-se uma ampolheta, com um festão de folhas de carvalho. As suas dimensões são de alto quinze palmos, e de largø seis; pela parte posterior tem o numero 88.



O monumento de que damos a copia, e descripção, é de gosto exquisito, e bello ; a falta d'ornatos, e simplicidade o torna d'um caracter modesto: do meio d'uma mouta de flores, e arbustos florecidos se descobre com bastante penna este monumento, que rematata com uma pequena urna antiga: elle está destinado a conservar a memoria d'um Francez.

Na face anterior lê-se em caracteres pretos o laconico epitaphio —

A
LA MEMOIRE
DE
JEAN BAPTISTE BARTHELEMY
I I I DE LESSEPS,
DECEDE A LISBONNE LE 6 AVRIL
1834
AGE DE 68 ANS

Na face opposta tem mais a seguinte inscripção —

SON NOME SEUL
ORNE SA TOMBE.

Tem d'alto quatorze e meio palmos, e de largo oito: pela parte posterior tem o numero 65.

Urnas sepulcraes de differentes formas.

Vemos as urnas destinadas para os ossos, e cinzas. Faziam-se d'ouro, de prata, de cobre, d'alabastro, de porphiro de marmore: estas eram mais ordinarias. Faziam-se para as pessoas menos distinctas de barro cozido em grande numero. Nos funeraes de Patrocle. Achilles metteo seus ossos em uma urna d'ouro: não se achão desta especie, ainda que seja certo, que muita gente rica tem-se outra vez servido dellas, para ahi metter as cinzas de seus parentes. Presume-se de que aquelles, que tem achado estas urnas d'ouro, as tem empregado em outros usos, como a ornar os gabinetes, e pela mesma razão as de prata não se acham. Encontram-se muita vezes d'alabastro em alguns gabinetes d'Italia, e algumas tambem de porfido, ainda que mais raramente.

O maior numero é de marmore; vê-se em Roma uma quantidade admiravel, tambem em outras partes, e nos gabinetes dos curiosos. As urnas de terra eram tambem muito communs, sobre tudo para o povo; mas não desprezavam em guardar um grande numero d'aquellas.



Monumento celebre! collocado a par d'outros que pela sua alta dimensão parece domina-los! Monumento fastoso que encerra as cinzas d'um homem que occupou uns poucos de lugares elevados sobre o grande mundo, onde a fortuna o encheu de honras e dignidades!

Elle tem quatro columnas doricas que sustentam a cupola do monumento, e formam uma especie de peristilo; no centro do qual está uma urna antiga, e parte desta coberta com uma toalha.

Podemos dizer que é sumptuoso, e dos melhores monumentos que tem o cemiterio dos Prazeres.

No corpo que serve de base ao peristilo tem o seguinte epitaphio —

A'S VENERANDAS CINZAS D'UM VERDADEIRO PATRIOTA
O CONSELHEIRO BERNARDO PERES DA SILVA.
NATURAL DE NEURA NOS ESTADOS DA INDIA
ELEITO POR AQUELLA PROVINCIA CINCO VEZES, E CONSTANTEMENTE
DEPUTADO A'S CORTES DA NAÇÃO DESDE 1821 ATE' 1844,
NOMEADO PELO IMMORTAL DADOR DA CARTA PERFEITO DA
AZIA PORTUGUEZA EM 1834,
NASCIDO AOS 15 D'OUTUBRO DE 1775, E FALECIDO EM LISBOA AOS 14 DE NOVEMBRO DE 1844.
CONSAGRA ESTE JAZIGO, SEU EILHO THOMAZ
JOZE PERES.

A' PALMA DO INDO, AQUI VERGADA AOS SOPROS
D'HORRIDO VENTO SEPULCRAL DAS LOIZAS;
SAGRA NA PEDRA FILIAL SAUDADE
LAGRIMAS TRISTES!

O TEJO E GANGES NESTAS CINZAS CHORÃO,
PADRÃO DO GAMA, A LUZITANA INDIA,
C'O A VELHA EUROPA NESTE MARMOR VERGE
FERVIDOS PRANTOS!

MEMORIA ETERNA DO FAMOZO PERES!
HÃO-DE DOIS MUNDOS OSCULAR-TE EM LUTO,
HADE A VIRTUDE ROCIAR-TE SEMPRE
D'AVIDOS CHOROS!

Por baixo do epitaphio tem mais esta inscrição —

JAZIGO
DE
FAMILIA.

Tem d'alto secenta e quatro palmos, de largo onze; sendo um dos mais altos monumentos que tem o cemiterio dos Prazeres; pela parte posterior tem o numero 464.



263

O Cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres é todos os dias enriquecido com monumentos erigidos em honra aos mortos: é ali que nós vemos o amor, a vaidade, a ambição, o vicio e a gloria; as illusões dissipadas, as esperanças acabadas, os desejos finalizados!

Quantas dores, quantas pennas ali se escondem!

Que immensas gerações ali jazem!

As virtudes, a innocencia! os vicios e o horror!... ali jaz tudo confundido!

Como se vê bem nesses funebres epitaphios a variedade da vida? Mas esses marmores são muitas vezes aquecidos, com lagrimas de dor e saudade!

Vejamos pois este epitaphio. —

AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAES
DE JOZE VIDAL LEITE RIBEIRO
NATURAL DA PROVINCIA DE MINAS GERAES
NO IMPERIO DO BRAZIL;
QUE FALECEU NESTA CIDADE DE LISBOA
AOS 19 D'AGOSTO DE 1842
COM 27 ANNOS D'IDADE,
FILHO LEGITIMO DO COMMENDADOR
FRANCISCO LEITE RIBEIRO,
E SUA MULHER
D. THEREZA ANGELICA VIDAL RIBEIRO,
NATURAES DA MESMA PROVINCIA.
MANDADO ERIGIR
POR SEURRIMO E CUNHADO
JOZE VIDAL DIAS
RESIDENTE NO RIO DE JANEIRO.

Quem pode ser insensivel e frio perante esta inscripção? O nome de um homem, vinte sete annos! é propriamente a vida! é quando se começa a gozar dos prazeres e encantos do mundo! E morreu! Assim acaba o delicado arbusto, meneando-se airoso ao sopro da aurora — chegando a noite desseca-o o vento vespertino, e eil-o acaba esteril no meio da vida!

Este monumento é de gosto egipcio, e remata com uma pyramide liza, tendo por baze um corpo de figura pyramidal, que assenta sobre um pedestal, tem d'alto quinze palmos, de largo seis e meio, e pela parte posterior o numero 408.





Lith. de M. L. du C^{te} R. N. des M^{tes} n^{os} 19 a 22. Dk.

N^o 65

